



AS BASTIANAS

DE GERO CAMILO

PASSOU O DIA ALI, PARADO CALADO FLORIDO. QUANDO
A VISITA NAÕ ESPERADA, NAÕ CONHECIDA, DE SUA
HISTÓRIA SE ALIMENTOU SEM DO, PARA SEMPRE
LINDA É A CONTINUIDADE DO QUE EU RESPIRO EM
MEUS PASSOS PEQUENOS CAMINHAM NA CONTRA
MÃO DO FLUXO DO PARTO. PARTO GUARDANDO
NA CABEÇA A MINHA IGNORANCIA.
AQUI NAÕ POSSO FICAR. DA SUA
IMAGEM REVELO AO MUNDO, DO MUNDO
NO MUNDO, QUEM SOU QUEM SEREI.
TE OLHO NOS OLHOS
BOCA FECHADA DE NAÕ
FORÇA.



Cia. São Jorge
de Variedades



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Camilo, Gero

As Bastianas [livro eletrônico] / Gero Camilo ;
[roteirização Alexandre Krug, Luís Mármora, Marcelo Reis ;
coordenação Alexandre Krug]. -- São Paulo : Cia São Jorge de
Variedades, 2024. -- (Cia. São Jorge de Variedades : 25 anos)
PDF

ISBN 978-85-61343-24-8

1. Teatro brasileiro I. Krug, Alexandre. II. Mármora, Luís.
III. Reis, Marcelo. IV. Título. VI. Série.

24-241624

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

AS BASTIANAS

Dramaturgia

Gero Camilo

Roteirização dramática de contos do livro “A Macaúba da Terra”,
por Alexandre Krug, Luís Mármora e Marcelo Reis

CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

Título :: **As Bastianas**

Autor :: **Gero Camilo**

Roteirização :: **Alexandre Krug, Luís Mármora
e Marcelo Reis**

Capa, projeto gráfico e diagramação ::
Sato do Brasil

Coordenação editorial, preparação e revisão
do texto :: **Alexandre Krug**

Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**

NOTA EDITORIAL

A presente edição da dramaturgia do espetáculo **AS BASTIANAS**, estreado em 2003, baseia-se principalmente na sua versão definitiva de cena, tal como era apresentada em 2007, ano em que a peça encerrou sua trajetória. Essa versão final apresentava um volume de texto bem mais enxuto em relação à da estreia; procuramos aqui manter essa característica, com poucas exceções de passagens que mantêm textos que foram excluídos, para maior enriquecimento do universo e do imaginário do espetáculo. Retirando o material para o seu roteiro quase que inteiramente do livro de contos “A Macaúba da Terra”, de Gero Camilo, AS BASTIANAS buscou no linguajar poético próprio do livro os recursos para tratar de modo aberto, íntimo e direto, quase a modo de uma vivência, de um Brasil popular e profundo, religioso e alegre, sofrido e revoltoso. Instintivamente, a ideia central dramaturgicamente centrada em figuras femininas provocou a associação direta com o universo das labás, as orixás femininas da religiosidade de matriz africana. Tal associação, muito velada quanto às palavras, se expressava mais claramente em imagens e ações do espetáculo, inclusive nas próprias cores dos figurinos das atrizes. Nenhuma delas assumia um papel como personagem dramático acabado. Antes, a dramaturgia lhes atribuiu figuras maleáveis de narradoras, que podiam ser tudo que quisessem e brincar à vontade. Esta edição, sem pretender dar conta de toda a expressividade visual da cena viva, buscou trazer a dramaturgia contida nas ações e imagens, descrever em rubricas que não constava em nenhum roteiro escrito ou registro, por entender que sem isso teríamos apenas uma reunião básica dos textos falados e da fábula central, e não a potência da dramaturgia completa que foi criada.

Nesse sentido, algumas observações sobre a dramaturgia de AS BASTIANAS se fazem importantes para compreensão do justo alcance desta edição. Em primeiro lugar, trata-se de uma dramaturgia ‘aberta’, no sentido de que, tal como um roteiro para teatro de rua, ela é intensamente permeável a intervenções e participações espontâneas ou combinadas do público. Isso se deve ao processo criativo em que o espetáculo e sua dramaturgia foram elaborados, durante ocupações artísticas em dois albergues municipais para pessoas em situação de rua, a Oficina Boraceia e o Núcleo de Cidadania - Albergue do Canindé, em São Paulo-SP. A convivência com os ocupantes desses albergues gerava uma comunicação e uma troca constantes em ensaios e apresentações, transformando-se muitas vezes em participações e ‘dramaturgias’ inseridas no espetáculo, que se tornavam, literalmente, parte dele, ainda que não de forma permanente. Então a dramaturgia de AS BASTIANAS prevê essa troca, se beneficia dela e precisa dela para se potencializar plenamente. Isso pode ser observado claramente no texto, em certas cenas que propõem não apenas uma simples interação, mas uma abertura mesmo para a manifestação por parte de quem desejar.

Para dar apenas um pequeno exemplo dessa abertura e do enriquecer que ela implica, no Albergue do Canindé o espetáculo incorporava uma pequena cena em que uma senhora moradora, Dona Maria José, usando seu andador e vestindo seu traje mais bonito, cantava antigas canções em iorubá da sua infância, que o trabalho da Cia lhe havia ajudado a resgatar na memória. Igualmente impactantes eram participações espontâneas que se davam de modo imprevisível, trazendo a vida dos moradores para dentro do povoado da fábula.

A segunda característica que deve ser observada: a ligação e a dependência total dessa dramaturgia em relação ao espaço em que é encenada. Criada nos albergues, a peça adaptou-se a qualquer espaço povoado e aberto: terreiros, escolas, áreas de convivência em geral ou mesmo praças e parques, sempre em diálogo com diferentes geografias espaciais e humanas. Em cada local, novas imagens, novas leituras, novos diálogos. O espaço, então, necessariamente faz parte da potência dessa dramaturgia, ele a complementa e define sua leitura. Essa relação, que no fundo vale para toda e qualquer dramaturgia, é verdadeira aqui em um nível muito mais intenso, o que ficou comprovado quando o espetáculo se apresentou em locais 'neutros', espaços culturais não povoados. Perfeitamente possível, porém sem a mágica confluência do povoado da fábula com uma 'aldeia' específica e real do cotidiano. Justamente por essa incompletude essencial da dramaturgia, e apesar do esforço em trazer com elementos da cena, esta edição assume o caráter lacunar do texto, deixando soluções em aberto, às vezes apenas indicando um modelo de jogo e não descrevendo, por exemplo detalhes de iluminação, já que isso variava muito em função do local e do horário da apresentação.

Além de ser portanto uma dramaturgia 'aberta' e 'incompleta', AS BASTIANAS também pode ser lida como uma adaptação de uma linguagem a outra – a da prosa recheada de uma poesia herdeira de Guimarães Rosa, para a da literatura dramática. Embora se trate de uma adaptação, esta edição optou por, sempre que possível, manter a originalidade da grafia literária proveniente dos contos, que bebe da linguagem oral nordestina. Eventuais correções ortográficas foram feitas apenas em casos de possível incompreensão na leitura etc. Sendo a música um elemento central na linguagem da Cia, esta edição procurou também valorizar o fio dramático das músicas e canções contidas na obra, inclusive atribuindo títulos a cada canção, que se encontram em sublinhado ao longo do texto. Os créditos das canções foram assinalados em notas de rodapé; quando não indicados, são da própria Cia utilizando passagens da obra. Feita a várias mãos, essa adaptação mantém ainda, sem dúvida, a força da autoria de Gero Camilo.

Figuras em cena e suas cores:

As “BASTIANAS”

ANA-Iansã (terra e alaranjado)

BASTIANA-Exu (colorido)

JOANA-Iemanjá (azuis)

IARA-Obá (vermelho e branco)

RITA-Euá (roxo e lilás)

SARA-Oxum (amarelo e dourado)

Os MISSIONÁRIOS-Oxalá (branco)

BASTIANA

(Em frente ao portão do local de apresentação, seja albergue, escola, terreiro etc. ou no ponto inicial da praça ou espaço aberto, o público aguarda. Bastiana vem chegando de longe, anunciando o seu pregão. Usa um traje de saia azul e lilás com detalhes vermelhos, meias vermelhas, chapéu vermelho com faixa colorida e uma bolsa colorida, muitos colares e guias de cores. Puxa um carrinho de duas rodas e armação alta, lembrando um pequeno carrinho de reciclagem, com muitos apetrechos e utensílios pendurados. Será usado durante todo o espetáculo. Idealmente o espetáculo começa do meio pro fim da tarde e termina quando já escureceu.)

BASTIANA

Olha o bolo de girassol banhado no mel negro! Traz amor, sabedoria e sossego! Bolo de girassol banhado no mel negro! Traz amor, sabedoria e sossego! Quem vai querer? (Chega junto ao público, tira sua cesta de dentro do carrinho e continua o pregão. As outras “Bastianas” circulam pelo espaço. Uma flauta soa no espaço, tocada por Ana.) Bolo de girassol banhado no mel negro! Quem vai querer? Isso aqui é feito com o mel das primeiras abelhas africanas! Receita muito antiga, que eu aprendi com a minha mãe e ela aprendeu com a mãe dela, que aprendeu com a mãe dela! Quem vai querer? É um décimo de dízimo! (Vai vendendo ao público.) Tome, meu filho. Um décimo de dízimo. (O público decide quanto dinheiro é isso.) Vosmecê vai comer e o girassol vai benzer vosmecê! Muito agradecida. Bolo de girassol banhado no mel negro! (As outras “Bastianas” podem indicar para Bastiana quem está querendo comprar: “Aqui, Bastiana!”. Ela vai vendendo e improvisando.) Gente, ainda tem, vamos lá!! Muito agradecida! Quem vai querer? Ninguém quer amor, sabedoria e sossego? Aqui! Vosmecê vai comer e o girassol vai benzer vosmecê! (Bastiana termina de vender seus bolos. As outras “Bastianas” podem surrupiar algum bolo que sobrou na cesta. Bastiana sobe no carrinho, falando de um ponto elevado. A flauta silencia.)

Tudo aqui é como uma vez ouvi dizer
Tudo aqui é uma bola azul suspensa
Que o homem pisa e não cai
Tudo aqui casa tudo aqui separa
Tudo aqui caminha tudo aqui respira
Tudo aqui é uma bola azul suspensa
Que o homem pisa e não cai
Porque o fundo da Terra não é o fundo do homem
O fundo do homem é o que está sobre sua cabeça

(Desce do carrinho e convida.)

Vamos conhecer a aldeia, meu povo! Vamos lá! Vambora!!

(As “Bastianas” todas ficam lado a lado e entram no espaço ao mesmo tempo, pisando com o mesmo pé. Vão entrando todas pelo espaço, junto como público que segue Bastiana. A flauta de Ana volta a soar. As “Bastianas” olham pra o espaço como se o vissem pela primeira vez, atijando o olhar do público. Chegando na próxima estação, elas se espalham. Sara e Iara colocam-se em um ponto que lembre uma casa, construção etc., pode ser um ponto elevado.)

OCABITADO

SARA

Depois de muito desarmar as ocas do tanto que vagamos sem direito de assentamento, com prejuízo de bolso na alma rendida ao cão dos inferno – válida aqui de satâimobiliárias, e todo aquele que é funcionário desse tipo de perversidade – vexamo de bastar com essa escravidão e ganhamos oca própria.

(As outras “Bastianas” todas repetem: “oca própria!”)

IARA

Embora a custo de muito custo. O número de prestações mensais foi da minha infância à minha adolescência.

SARA

Assim que saiu a lista dos ocabitados no jornal das legalidades, tratamos de arribar. Chegamos no bairro sem inauguração. A oca era uma caixa de fósforo, pra um pai, uma mãe, cinco irmãs, o cachorro Jerri e o gato Tom, que a minha irmã (indica Iara) abandonou quando soube que ele era cego, mas eu criei por compaixão, embora eu não goste de gato.

IARA

A luz do poste tinha sido ligada não fazia três dias

SARA

Uma semana.

IARA

Fomos do areado livre para o chão batido de asfalto. O que era légua redonda, virou quilômetro quadrado. Um terrenão grande recheado de construção – que meus olhos de dez anos viram mesmo foi uma cidade por se inventar.

(Rita vem chegando correndo, fazendo o chamado conhecido por todas elas.)

Ah-á, ah-á, ah-á!! (Chega correndo e anuncia.)

Eu, Tom e Jerri já fizemos toda a vistoria do bairro. Ao norte as ocas, ao sul os pombais. Alguns parquinhos espalhados, com um escorregador, uma quadra e outros brinquedos. Um bocadinho de lar, pra essas mais que vinte famílias recém-chegadas que dão vida ao local. Nosso grande cenário nas artes de imaginar. E com cenário morando dentro, os esforços em criar ficam a prumo. Todos os jardins são um. Todos os quintais, um. Assim, ó: (Pergunta a alguém do público. As “Bastianas” acompanham em coro.) Quer mudar de casa? À escolha! (Para outra pessoa.) Quer povoar a cena? À escolha! (Traz a pessoa para a cena, se ele topa.) E foi assim que nós... nós... (vai incluindo todas as “Bastianas e todo o público, que repetem: “nós!”) foi assim que nós inauguramos o bairro!!!

(Todas as “Bastianas” puxam o samba e cantam. Joana toca o pandeiro.)

BASTIANAS

Carriei pinte

Carriei subi

Viga de fé

Figa de nós-alcança

Carriei a pintar traveis

Carriei a subir través

Fibra de moço

Isca de nós-sustança.

(Vão conduzindo o público para outro espaço, um círculo coberto por um festão de luzinhas, onde vai se instaurar uma roda. Bastiana vai organizando a acomodação do público, que senta-se ao som da música. Quando terminam de se sentar, Bastiana está no centro da roda, sambando o finzinho da música, até ela cessar.)

BASTIANA

Você viu o que foi aquilo, menina? Vocês acredita que eu vendi todinho os meus pedaços de bolo? Hoje não sobrou nenhuzinho para mim! Nenhum para mim, vê se é possível, gente! Parece que cada dia que passa carece demais é a fome do povo de amor, sabedoria sossego. É por isso que eu ando com a minha sacolinha de semente. Quando eu vejo que uma casa da aldeia tá com febre no jardim, eu trato logo jogar ali uma sementinha. É só assim, viu gente, é só assim...

(Percebendo alguém conhecido entre o público.)

Dona Mangueira? Ô, Dona Mangueira, pajeia para mim a minha sacola, com o meu dinheiro e as minhas sementes! É só enquanto eu banho os meus cabelos ali no açude. Muito agradecida, viu, Dona Mangueira. (Bastiana entrega a sacola e o chapéu à pessoa do público.) É como diz a minha mãe: não tem bom sem falta. Não tem bom sem falta...

(Bastiana ajoelha-se no meio da roda e começa a acender uma fogueira. Quando o fogo começa a pegar, chama as outras, cantando um ponto para Euá. As “Bastianas” vem chegando de fora da roda e respondendo ao chamado, com Rita à frente. Ana toca o djembê, Sara o agogô.)

PONTO DE EUÁ

Casa de Euá não tem parede (“Bastianas” respondem.) *Euá, Euá*

Casa de Euá é o mundo (“Bastianas” respondem.) *Euá, Euá* (2x)

Liberdade é sua casa (4x) *Euá, Euá*

(Distribuem-se equidistantes pelo círculo. A música cessa com um toque dos instrumentos.)

CONTESIAS - REPEN'S - O PRIMEIRO REPENTISTA

ANA

Nascemo no Brasil. Dito assim é grande, mas não passa de uma lapa de légua arrudiando um açude de pedra e uns pouquim de grama, na sua infância carrapicho, na sua madureza currupio. Hoje é um tal de país em pé de guerra que até mete medo morrer assim, calçando o diabo. Embora sentido de amor deve de ser água sempre em corações áridos. Tive muito amigo na vida. Um punhado de amigos. Tudo que nem eu, perdido. Era nós e as ciência que nós inventava nos quintal. Nós planejava o mundo direitinho que era pra não ter queixa do vizinho. Fazia os amor afeiçoar nós tudo, e as paixão desarticular as junta. Era um mexido de gente em criação que as água das boca dos vizinho alagava os jardim. Nós era assim, intenção.

Depois fomo crescendo na vida com os osso esticando por dentro que nem galho. Hoje eu entendo que nós faz parte do movimento da árvore e do prenúncio do pássaro. Braço é um galho em movimento. Asa é um braço em detrimento de um galho. Ou vice ou verso, caso nós esteja de dentro pra fora. Ou de fora pra dentro. Coisa do tipo.

(Toque dos instrumentos anunciam mudança de quem fala.)

JOANA

Não sei muito nem pouco, o que experimento com as ideia é que a vossa presença nas convalença da humanidade dos sabido, se compadece das dô dos outro. Então era bem que possível inventar tudo de novo, caso fosse necessário dividi de igual ruma os arroz e os feijão. E mesmo as pruma de fio d'água da casa dum como da dum-outro, nem precisava ser de fita grande, bastava ter mão que desse palmo. Assim somava um no um que ia por igual clareza arrudiando onde se devia de erguer parede somente. Agora, se o cidadão não convalesce da informação eu pediria pra dá cá a receita e ri de reto, caso não o fiscal da região que vive a bitucar nas redondeza vem visitar nosso estabelecimento, que a custo de muito custo foi construído com suor de um homem só, somado em dez de coragem e mais dez de coração. Coisa do tipo.

(Toque dos instrumentos, muda quem fala.)

IARA

Às vez eu penso na gente e mais nos amigo que a gente tem, daí eu penso na pessoa de um outro país de além continente, sei lá, de longe. Pode ser das Oropa ou das Pirâmide. Depois de pensar na pessoa, é só ir ajuntando os conhecido. Eu conheço Zé. (Todas fazem que também o conhecem.) Zé tem uma professora que veio ensiná nós tudo. (Todas sabem quem é: "dona Terezinha".) A dona Terezinha, professora do Zé, tem um irmão na faculdade. (Todas sabem quem é: "o Stênio".) O Stênio, irmão de dona Terezinha, namora uma americana. (Admiração de todas.) De Americana. (Decepção de todas.) De lá pro exterior é um pulinho. Ou seja, nós tem conhecido no mundo todo. Se vai juntando, ó... (indica as pessoas do público, mostra toda a roda) ...tudo família! Vai saber se eu não tenho primo na China? Coisa do tipo.

(Toque dos instrumentos, muda quem fala.)

RITA

Esses dias pensei que tinha dado cabo de mim. Um eu que um outro eu não gostava e queria dar fim. Não foi fácil, não, porque o outro de mim andava tão indignado com a conduta minha, que acabou me pressionando além da conta. Aí fui eu a conversar comigo daqui, papear comigo de lá, dizer que não adiantava brigar, mandar os outro ficar calado que a briga não era com eles, até fazer os dois acalmar. Hoje tá mesmo difícil essa história de relacionamento. Coisa do tipo.

(Toque dos instrumentos, muda quem fala.)

SARA

Minha casa fica a dois palmo de mão daqui. Se vós puxar o olhar um pouquim pra depois daquela linha de sol (ou um detalhe do espaço, “aquela fresta de portão ali” etc.), vós chega. Se não chegar, vós grita, nós escuta e vai buscar vós na garupa da monarque.

MATO SOOU

(Joana aparece de repente, em algum lugar fora da roda, pode ser um ponto relevado. Tem a barriga redonda de grávida. Grita como que anunciando o parto.)

JOANA

Mato soou um canto de cegonha, dia de lua piada, com rastro curto de nuvem e beirinha d'água nos cantos!!!

(Os instrumentos soam, começam a tocar um maracatu. Bastiana acompanha com o rebolo. Joana vem correndo para a roda, bufando em contrações, as outras auxiliam. Começam a cantar.)

MATO SOOU

No mato soou um canto

Um canto no mato soou (2x)

Soou, soou

Um canto de cegonha lá no mato soou (2x)

Dia de lua piada, com rastro curto de nuvem

E beirinha d'água nos cantos, soou, soou (2x)

Soou, soou

Um canto de cegonha lá no mato soou

(Durante a música, Joana foi dando à luz, auxiliada por Lara e Rita. De dentro de sua barriga saem tecidos compridos, com os quais elas formam um círculo dentro da roda e giram, dançando. Ao fim da música, o círculo de tecido está no chão no centro da roda.)

JOANA

...Enquanto que lá nos torrão-seco não chove nem de agorinha nem nunca. Isso porque, no princípio da ocupação, o teco de chão onde morava mãe com filhas (indica as outras, que escolheram uma “mãe” do público) era de quase nenhum cômodo, salvo os quatinhos destinados para as que casavam.

Quem casava tinha direito a um quarto só pra si, e o marido. Pensando assim algumas achavam por bem casar. (Todas começam a andar pela roda, como se procurassem com quem casar.) Outras se faziam de contra, mas por vontade de ter um quartinho só pra si, assobiavam o olhar pidão pro padeiro, pro leiteiro, pro vaqueiro, e assim era que chovia de oferta de marido. (Improvisam, conseguem na plateia um marido, ou dois, ou nenhum. As que conseguiram andam com ele pela roda. Bastiana nunca consegue, nem quer.) Monta a foto lá! (Se juntam para uma foto com os maridos.) É um, é dois, é três e... (Tiram a foto.) Casadas as moças e divididos os quartos, vieram os dotes, multiplicaram-se os cômodos, nasceram os filhos. De monte. Tudo com santidade no batismo. (Vai até um pequeno carrinho, do tamanho de um carrinho de feira, uma espécie de caixote com gavetas, mostra no lado da frente dele a imagem do Sagrado Coração de Maria.) Francisco era de pareia, das Chagas ou de Assis. Vinha mais José de mote, Maria de tudo quanto se tinha, Das Dores, as das Consolanças e das Satisfação, Verônica, Antônio, Pedro, Paulo, João, (todas começam a enumerar os nomes santos que conhecem) até dar cem. Cem filhos. (Sara, Ana e Rita se colocam ao pé de Joana, a Mãe.) Foi que, em meio à ruma, nasceu mais uma! (Surge Lara como Menina, por trás do carrinho, com touca e roupinha de bebê. As “Bastianas” sentadas ao pé da mãe cantam: “Aaaaah-oi-ô-iô!”) Olha o tamanhão da criança! (Pega a Menina no colo e coloca sobre o carrinho. Ordena às outras três.) Vai buscar as coisas pro batismo. E o negócio aqui é o seguinte. Assim que nasce tem que batilhar, porque você sabe como é que é, né? Senão não fica filho legítimo. Ai, que coisinha linda! (Preparam pra batizar, com a água pronta sobre a cabeça, bacia com pétalas de rosas por baixo etc.) Quanta saúde! Bom, eu vou botar o nome dessa menininha aqui de... ah, sempre quis que minha filha se chamasse... Maria Teresa!

ANA

Gente! Mas tem a Tetê lá do bar da esquina!

JOANA

Mas é Maria Teresa, é?

ANA

Tem que ser santo inédito!

JOANA

Então espera aí, vamos pensar em outro. Então, para essa menininha se divertir demais na vida, o nome dela vai ser Maria dos Prazeres!

RITA

Mãezinha, já tem a Prazeirinha, pelo amor de Deus!

JOANA

Ah, então não sei não, gente. Não sei que nome. Não sei!

RITA

Tem que achar outro nome, mãezinha!

JOANA

Então cadê a folhinha com os nomes santos donde nasce a inspiração para o batismo? Vai procurar a folhinha! (Elas saem procurando, cada uma para um lado. Procuram no carrinho de Bastiana, entre o público e pelo espaço. Voltam.) Achou, filha? Achou? Não? (Nenhuma achou.) Ué, gente, então tá com a Bastiana! Bastiana!! (Todas chamam. Bastiana está brincando fora da roda com um bolimbolacho, bilboquê etc. Leva um susto.)

BASTIANA

Hem?! O quê?...

RITA

Bastiana, cadê a folhinha com os nomes santos que dão inspiração pro batismo? (Ela fica olhando.) A folhinha com os nomes santos que dão inspiração pro batismo! Bastiana!!

BASTIANA

Eu queimei... (Mostra uns papeis queimados no chão.)

RITA

Hã?! Você queimou a folhinha com os nomes santos??? Bastiana, você tá brincando!!!

ANA

A coisa importante dessa aldeia!!

JOANA

Calma, calma...

SARA, RITA e ANA

Bastiana!! Oh, Bastiana!!!

(Vão até ela e cavoucam o chão diante dela, de tanta fúria. Jogam seu chapéu no chão e lhe dão uns tapas. Bastiana fica sem jeito, mas no fundo se diverte.)

SARA

Justo quando essa peste queimou a folhinha com os nomes santos de onde nasce inspiração pro batismo!

ANA

Justo quando não se tem mais informação de santo inédito porque, de pequeno que é esse terreno habitado aqui, pra se ter visita de padre é coisa pra mais de ano!!

RITA

E nome qualquer também não presta não, viu, gente? Ah, não presta!!

SARA, RITA, JOANA, ANA e BASTIANA

(Apontando para a Menina no carrinho pequeno.)

Tem que ter santidade!! (A Menina olha meio assustada, meio indiferente, sem entender nada. Joana a pega no colo e vai ao centro da roda.)

JOANA

E ficaram os anciãos de duzentos anos três semanas seguidas pensando nos catecismos. Eles vão descobrir um nome! Pensem bem...

(Bastiana, Rita e Ana são os anciãos dentro do carrinho da Bastiana, vemos apenas as cabeças, uma sobre a outra como um totem. Sara está ajoelhada diante deles, consultando-os.)

SARA

(Falando por inveja.) É feia... (Falando a verdade.) Linda, nascida hoje... tem olho azul... (Os anciãos vão reagindo a cada informação.) Santo inédito! (Os anciãos, embatucados, falam um gramelô nervoso enquanto tentam lembrar de um nome. Por fim, desistem.)

JOANA (Decepcionada, com a Menina Sem Nome no colo.)

Eles pensaram que pensaram que pensaram, só lembraram justo cem...

SARA

Enquanto isso estou achando por bem prender a Menina no quarto. Pra que ninguém a chame por nome que não seja o dela. Pois sendo pagã, ela pode sofrer da fraqueza de atender por nome alheio.

(Joana leva a Menina Sem Nome até o carrinho da Bastiana e a coloca lá, sendo ali agora seu quarto, onde ela fica durante todo o tempo.)

BASTIANA (Com um bastão na mão.)

Ficou, então, a Menina trancada no quarto. Só recebia a visita da mãe, que muda entrava e muda saía. Os irmãos as vezes passavam E davam bom dia pela brecha da porta. Dia! Dia! O pai, ó... (indica alguém do público) ...passava o dia todinho na roça. E quando voltava, deixava um caju na cabaça. Veio a invenção dos alimentos. Era época de fé na carne e havia muito a ser feito nas frestas de terra fértil. (Mandando as outras se mexerem pra trabalhar.) Havia muito a ser feito!! Nascia e morria o dia e de plantio a colheita ardiavam na roça primos, primas, tios, comadres, compadres, fulanos, sicranos, beltranos... era um punhado de mãos cobrindo sementes e muito mais ainda por cima da terra a fé de ver aquilo tudo crescer devera.

CONTESIAS - PEGOS DE REPENTE

BASTIANA

Foi mais ou menos quando nós acendemos o fogo que começaram os primeiros testemunhos. É a tal filosofia, meu povo. Filosofia! (Joga o bastão e a palavra para Ana. O som de djembê acompanha.)

ORIQUI DE OIÁ- IANSÃ

ANA

Oiá!

Leopardo que come pimenta crua

Mulher de vestes vistosas

Cabaça rara diante do marido

Eparrei!!

O que Xangô disser

Oiá logo saberá

Ela entende o que Xangô

Nem chegou a falar

E o que Xangô quiser dizer

Oiá dirá

Eparrei!!

Oiá, árvores desarvora

Adeus, morte

Adeus, morte

Minha mãe da roupa de fogo

Nada de mentiras para ti

Nada de mentiras para ti

Nada de mentiras para ti

As marcas da tua pele calam o alabé

Oiá, ô!

Oiá, mulher neblina no ar

Oiá, leopardo que come pimenta crua

ANA

O sal. Foi por lá que aprazei com gosto. Do mesmo jeito que a sombra. Do mesmo jeito quando é mormaço. O campo foi repartido em parte, eu nasci despartida. Chegou época de não ter onde pisar. Trabalhava dando de comer à terra, mas não comia dela. Do que colhia, a exemplo dos milhos que plantava, todo ele, alimentava meu patrão. Depois a mulher e os filhos dele. Depois os parentes próximos e os distantes, esses, assim como os amigos, em troca de dinheiro. Depois os animais, os de estimação e os pro abate, e do que sobrava, se sobrava, nós.

Não bastasse a falta de chão pra ficar, o que a mão colhia em um dia, em trinta se convertia em fome. E pelo que me consta do que é feito um homem, é de um lar e uma horta. Deu junho. Reuni os companheiros aqui nos assuntos de São João. Aproveitei da fogueira pra encandear as falas, pedir inspiração. Eu só quero ser sincera. Falar com rumo de açoite. Hou!

(Joana com o pandeiro puxa um coco. Todas cantam, menos a Menina Sem Nome, que está em seu quarto. Ana dança e joga com o bastão.)

“BASTIANAS”

Quem tem coração pra ouvir

Eu sei que vai compreender

(Ana aponta o bastão para Rita, indicando que ela improvise uma fala, um verso, um repente. Cada dia pode apontar para alguém diferente.)

RITA

Bom, minha gente. Essa fogueira tá quente. Dando um alento pro coração. Como se fosse um grande presente. Olha só: “ente, ente, ente”!

ANA

Hou!

“BASTIANAS” (Cantando e tocando.)

Quem tem coração pra ouvir

Eu sei que vai compreender

(Ana aponta para alguém do público. Improvisos e falas. Todo dia algo diferente, surpresas. Sempre repetindo o refrão entre um e outro, vai apontando para qualquer pessoa do elenco ou do público. O jogo se repete algumas vezes, até que Ana pergunta.)

ANA

Alguém mais quer dizer mais alguma coisa?

JOANA

Eu! Se é grande o encontro de bando sobre bando, é por igual bandidade que o intelecto dessa destreza brada em voz de fogo que é pra abrir caminho: dá cá sua mão, irmão, irmã, prima, amada. Vamos descobrir como é que no campo se faz ninho.

MATO SOOU – MISSIONÁRIOS

PONTO PARA OXALÁ

BASTIANA (Canta, anunciando a chegada dos Missionários.)

Oxalá, Oxalá ilumina!!

(Os Missionários vem chegando em formação, como uma procissão, vestidos todos de branco. Vem tocando berimbau, flauta e uma bacia. No centro, um deles caminha com altas pernas de pau e toca um adjá. Eles param diante da roda, elas vão até eles e se ajoelham. A música cessa.)

MISSIONÁRIOS

Oxalá, Oxalá ilumina

Ô filá, ala euô

Irê ilê auá

Oxalá, Oxalá ilumina

Ê babá a auure-ê ô

Irê ilê auá

(As “Bastianas” se erguem do chão e voltam para a roda.)

JOANA

Nove anos depois, ouviu-se dizer de uma missão que passara léguas solares dali e que seguira para Crato. É preciso que alguém aqui, alguém, vá até aquela missão se informar o nome de uma santa pra quem esse toco de chão não prestou reza. (Procura entre os presentes no público.) Quem? Quem aqui sem burro de carga será o oferecido? (Ana, agora como o menino Genésio, com o bastão na mão, tenta se oferecer. A cada pergunta de Joana, a Mãe, ele põe-se na frente dela: “Mãe!” Ela o ignora, olhando sempre para o outro lado.) Que herói aqui vai partir pela caatinga? Que salva-nome vai ser?

(Os Missionários, no alarido dos seus instrumentos, dão meia volta e partem. Genésio corre, observa-os partir, volta e ajoelha-se na frente da mãe, implorando.) Por falta de disputa do posto, o escolhido foi mesmo o caçula dos moços, Genésio. Dez anos no couro, não disse se queria, só perguntou:

GENÉSIO

Quantos sóis vai durar até eu ir e voltar?

JOANA

Aí todo mundo escutou:

GENÉSIO

Eu vou! Eu vou.

JOANA

A partida, sem choro nem risada, pois como não se tem exatidão da distância, a família acha por bem não inventar.

(Genésio despede-se da irmã presa dentro do carrinho-quarto, beijando sua mão. A Menina Sem Nome segura forte sua mão, como que com medo que ele vá. Genésio olha em volta, despede-se de Rita e Sara e vai partir. A Mãe chama.) Ô Genésio! (Ele se volta.)

Faz por onde o teu céu ser terra. E não esquece, voa.

(Ele parte correndo, com gritos de coragem e agitando o seu bastão.)

BASTIANA

Quanto à Menina, ficava trancada no quarto. O cabelo batia no pé. O corpo, magrinho e branco, de mal alimentado de luz. Um olho azul, outro verde. Também, como não se chamava, não era possível lembrar a data de seu aniversário. A mãe às vezes até se esforçava. Se visse Verônica lembrava, se visse João dizia, se visse Fátima respondia até a hora do dia. (Joana, a Mãe, vai dizendo as datas e até os horários. Bastiana aponta para pessoas da plateia ou do elenco como filhos.) Mas com aquela criatura ali (indica a Menina Sem Nome no carrinho-quarto) não tem jeito de lembrar. Acharam melhor não chamá-la mais de Menina. (Todas começam a chamar: “Menina! Menina!”) Pois de tão pronunciado, o comum quase virou nome próprio. Não tendo nome deixou de ser lembrada. Acharam melhor foi pensar nos que tinham nome: nós. Ou nos pagãos dos outros. E nós, meu povo, vamos embora agora. Vamos a pé mesmo, porque hoje a garupa da monarque é do prefeito. Vamos embora a pé mesmo. Vamos embora, meu povo. Vamos conhecer o resto da aldeia! (Todos levantam-se para caminhar.)

BAIÃO DE DOIS

(Bastiana, levando seu carrinho-quarto com a Menina Sem Nome dentro, vai conduzindo o público pelo espaço, saindo da roda. No alto do carrinho, sentada e voltada para o público que segue, está Sara. Joana toca flauta doce, Ana o violão.)

SARA

Baião de dois, manhã cedo a gente pega a sacola de arroz. Vamos crentes nós dois de nó na roupa e na coisa do amor nosso pão com manteiga café de manhã e trem apitando no mato atrás da anticerca de carrapicho. Eu deitada na sombra com a raiz da mangueira nos pés folhas secas teus cabelos e meus olhos vendo céu verde com nuvens de manga-estrela. Teu umbigo pra fora da blusa minha língua bebendo.

Teu cheiro de carne verde de areia e de folha seca. Meu cheiro de açúcar. Tuas mãos de galhos de arco de céu. Minhas mãos de louça de tesouro escondido na raiz da mangueira. Eu nua. Eu numas de ser tão. E o sol de depois da mangueira querendo espiar nossos sexos. E nuvens descendo do céu e de lençóis nos tocando músicas dos anjos. E nós gritando de nó na roupa e na coisa do amor nosso almoço baião de dois e trem apitando no mato da estação de outono atrás da igreja. Nós pecando na mangueira. Trem correndo no mato. Novena cantando na igreja. Gemido. Apito. Prece. Gemido. Apito. Prece. Gemido. Apito. Prece. Sol suando pingando fogo no chão. Passarinhos tontos cabeceando as árvores. Peixes afogando-se. E nós dois de nó na roupa e na coisa do amor nossa janta sopa de flor cheirando na rua caminho de pedra. Nós voltando pra casa o sol nem mais é de dia. É de noite que a lua assobia. Nós voltando pra casa de depois da igreja do lado de dentro da estação pegando o último trem. Nós fugindo. Nós indo embora da cidade de nossos pais dormindo embalados pelo som das novenas. Nós indo com o trem adeus aos grilos e ficando longe demais a mangueira sumindo sumindo sumindo... (Bastiana leva o carrinho pra longe, sumindo com a imagem de Sara. A música cresce e as “Bastianas” cantam.)

VARRER A CALÇADA DA TARDE (Composição de Gero Camilo e Tata Fernandes)

“**BASTIANAS**” (Cantando e tocando.)

Varrer a calçada da tarde

Tardar no sol que é de carne

Subir os degraus

Pagar as promessas. E feriar

Feriar de amor eterno. E feriar

Feriar de amor eterno...

HOMENAGEM AO CANTOR ANÔNIMO

(Ao som da música, o público chega a um outro recanto, onde está Rita, com a cabeça e o rosto cobertos e segurando flores sobre a cabeça, junto com um Missionário, que segura velas nas mãos. Ambos cantam.)

PONTO PARA OXUMARÊ

RITA e MISSIONÁRIO

Oni seuá. Oni seuá vodun

Kuerê odá bó. Ajê-lô lum-vé tó

Vodum kadê-ló odá bó. Vodum dandá rundê

(O público vai se acomodando em duas fileiras laterais, formando um espaço cênico em forma de um longo corredor.)

BASTIANA

Homenagem ao cantor anônimo, que morreu, roubado-lhe o coração, limado a facão!

(Bastiana, como o Cantor Anônimo, mais Iara, Joana e Sara, como Carpideiras chorando, vem vindo de uma extremidade do corredor. Na outra extremidade, ainda com o rosto coberto, Rita canta.)

EU CATEI ESSA PEDRA SABÃO

RITA

*Eu catei essa pedra sabão
No sentido de nós se vê
Eu debaixo da tua janela
Tu em cima do meu querer.
Te vi passeando na quermesse
Não pude deixar de comentar ao peixeiro
Tu é minha concha e pérola
Algas são teus cabelos.
Se nosso açude sangrar
Se nosso poço der por meio
Minha sede pede ajuda
Entre as ilhas de teus beijos.*

(Chegando na outra extremidade, o Cantor Anônimo coloca-se como uma estátua de pé sobre um caixão. As Carpideiras sentam-se no chão ao pé do caixão, sempre chorando, unem-se ao canto no verso seguinte.)

Abre a janela, vem ouvir minha reza!

(Rita termina a música sozinha.)

*É um pedinte que quer ver tua face
É um mendigo que a lua rege.*

(Rita deposita as flores junto ao caixão e descobre seu rosto.)

Homenagem ao cantor anônimo, que morreu, roubado-lhe o coração, limado a facão! Dizem que por bênção de assobio dado por ajeitar rima, o anônimo tinha desforçado acento respiral diafragmático. Daí sair dando compositórios. Era conhecido em toda região pelo som da voz e pelo traçado da sombra. Dizem de poder de cantamento sem igual.

(Canta para alguém do público, ou para todos.)

*Abre a janela, vem ouvir minha reza!
É um pedinte que quer ver tua face
É um mendigo que a lua rege.*

Pois foi por essas, de ter em seu compositório canção com tanta ênfase, e versos por assim dizer com as desvergonhas de fora, que sucedeu a segunda parte dessa história caatinguenta, quando já se vive pela era do código de barra e os livros tão com as almas em riste. A sentença veio pelo cantor ter resolvido serestar na janela de uma virgem, (indica alguém do público) filha de um potentado. Como o pai da imprestável não curtiu a rima, e desde cedo via o mundo pelo brilho da lâmina, limou-lhe o instrumento! (As Carpideiras reagem: “Não!”)

Agarrou o coração do moço e podou do corpo!

(Gritando, sob os gritos de pavor das Carpideiras, Rita se lança sobre a estátua e lhe arranca o coração do peito. O djembê marca o bater do coração ainda pulsando. Bastiana como Cantor Anônimo faz caras e jeitos de dor e pavor. Sai cambaleando pelo corredor entre o público, se contorce, faz uma graça, volta para o caixão deita-se sobre ele com mãos e pés juntos feito um defunto. As Carpideiras em uníssono lançam um estrondoso pranto, colocando as mãos junto ao defunto. Rita, o coração sempre nas mãos esticadas, continua.)

Mas diz-se do que choca ali, ter nascido sob proteção divinal, que o coração do seresteiro cantou sem desafino na mão do assassino!

(O coração se acende e pisca, as luzes, se possível, se apagam ou baixam. Ouve-se o coro das Carpideiras e dos Missionários, ao som do djembê é como se o coração cantasse. Bastiana, como defunto, faz graças durante a música.)

CORAÇÃO DO CANTOR ANÔNIMO

*Eu catei essa pedra sabão
No sentido de nós se vê
Eu debaixo da tua janela
Tu em cima do meu querer.
Te vi passeando na quermesse
Não pude deixar de comentar ao peixeiro
Tu é minha concha e pérola
Algás são teus cabelos.
Se nosso açude sangrar
Se nosso poço der por meio
Minha sede pede ajuda
Entre as ilhas de teus beijos.
Abre a janela, vem ouvir minha reza!
É um pedinte que quer ver tua face
É um mendigo que a lua rege.*

RITA

O potentoso, quando viu o coração aos buns, torceu os quartos e ficou penso pro lado. Autoridade de muitos pastos, compadre de muita gente, ali mesmo, em volta do que bate vista, era tudo dele. Inclusive os gados. Inclusive os homens. Pois cagou-se! Cagou-se todinho de medo com o coração do seresteiro – que por essas lamparinas, já tinha o corpo sido enterrado na praça da cidade, por comoção popular.

(Ouvem-se os cantarolares sobrepostos das carpideiras, lembrando vagamente a canção do Cantor Anônimo. Um som contínuo que toma contado ambiente. Rita vai mostrando o coração às pessoas do público.)

Durante toda a volta de maio, o coração cantou. Mergulharam o danado em bacia, mas não se afogou. Puseram fogo, mas não se queimou. Tentaram lascar em dez, mas era rijo, que nem parecia que dali se ouvia uma canção de amor. Intermitentemente ecoava a canção. Repetida tantas vezes que as vacas decoraram.

(Ouvem-se as vacas e outros animais.) Os papagaios e as cauãs dividiam as vozes, aquilo ia tomando coro de tal forma que tava tirando o juízo do mundo. O potentoso quando viu que o povo queria que o papa fosse declarar por milagrosa a região, isentou-se de culpa e pôs prego na mão da filha! (Aponta para quem havia sido indicada como a Filha do Potentoso. As Carpideiras vão até ela.)

CARPIDEIRAS

“Se não fosse por ela, a desgraça não teria acontecido!”

RITA

Tratou de fechá-la a sete chaves de porta, haviam vedado muito bem as janelas e agora, se possível, pagava qualquer quantia pra não ter mais que ouvir aquele coração cantando.

(As Carpideiras levam a Filha do Potentoso para a frente do carrinho-quarto, o mesmo da Menina Sem Nome.)

A filha então, aproveitou que pela primeira vez o sangue lhe descia, aproveitou que a mãe foi lhe catequizar umas dúvidas, sendo essas ignorâncias cabidas fêmeas, e úmida e glosa, com uma papoula vermelha no meio das pernas, ela fugiu!

(As Carpideiras incitam Filha do Portentoso a fugir, saindo da frente do carrinho-quarto. Rita chega até ele.)

Ela foi pessoalmente ter com o coração do moço, que nessa altura, já estava sob o domínio da cidade inteira, de duas rezadeiras, dois cientistas, do prefeito, da polícia militar, civil, do batalhão de choque etc. etc. A homenageada foi abrindo fresta em meio à multidão (as Carpideiras trazem de volta a Filha do Portentoso para junto de Rita) e viu, pela primeira vez tamanho sofrimento, de ter assim um coração chorando sangue enquanto lhe devotava canções de amor. Ela então temperou a garganta e disse: (Vai soprando no ouvido o que a Filha do Portentoso deve dizer.)

FILHA DO PORTENTOSO

*Você é a minha riqueza
Você é meu bem querer
Mas vai cantar noutra freguesia
Vou-me embora da cidade
Pois o dono do poleiro
É um galo velho que não sabe mais cantar
É um galo velho que só sabe ciscar.*

RITA

O coração então, em boca-que-usa foi despiando despiando despiando, até que finalmente silenciou. (A luz do coração deixa de piscar.) A menina então pegou o coração do cantor com as próprias mãos, (dá a ela o coração, ela vai fazendo tudo) enrolou num lenço branco e foi até a praça da cidade onde havia sido enterrado o corpo do cantor. (Vão até o defunto sobre o caixão.) Lá, com as próprias mãos, ela descobriu o leito do cantor, abriu a porta (Bastiana-Cantor Anônimo já está com as mãos sobre o peito prontas pra receber o coração) e cravou no peito do defunto o seu coração de volta. Esse, como quando se ajeita na cama para melhor espreguiço após um dengo, virou de lado, (Bastiana faz graças, vira de lado) suspirou e finalmente voltou a dormir.

(Na outra extremidade, junto ao carrinho-quarto, as “Bastianas” cantam, Ana ao violão e Sara na sanfoninha. Até a Menina Sem Nome dentro do quarto canta.)

MARAVIA (Composição de Dilú Mello e Kléber Albuquerque)

“BASTIANAS”

*Ô maravia ô maraviá
O amor dos outros chega e o meu não quer chegar
Quando ele aparecer meu coração vai parar
Ai ai ai ai vai parar
Ai ai ai aivai parar*

(Bastiana levanta-se do caixão e vai falando, ao som da música.)

BASTIANA

Quem foi que mandou o coração do um entrar na gaiola? Quem foi que mandou o outro perder a tranca? Hein? Olha gente, ainda não é final não, mas esse aqui foi o melhor momento que a gente achou pra passar o chapéu. Então, São Genésio, santo dos atores, ajuda esse povo a abrir a carteira pra gente! (Vai passando o chapéu, canta e se relaciona com o público, comemora cada dádiva, enquanto a música continua.) Ô meu São Genésio, meu santinho pequenininho, abençoa esse povo, meu santinho! (Etc.)

(As “Bastianas” finalizam a música ajoelhadas em frente ao carrinho-quarto da Menina Sem Nome, olhando para ela. Saem.)

BASTIANA

Quanto à Menina, continuava trancada no quarto. O cabelo um tapete.

IARA

(No alto do carrinho-quarto, com a roupa branca, como se narrasse a própria história.) Não é mais menina, não. Virou moça!

BASTIANA

(Arremedando.) “Não é mais, menina, não. Virou moça!...” Só que esqueceram de reparar que, nessa idade, as fêmeas exalam um cheiro que faz isso com as criaturas, faz os conflitos movimentar a região. E foi o que se deu. Mesmo sem batismo o sangue lhe desceu pelas pernas. E haveria de acontecer, que todo mês, um dia, ela acordaria úmida e glosa... (Após uma pausa sem jeito.) Risca fora daí, menina, vai. Vamos embora, meu povo! Vamos conhecer o resto da aldeia! (Iara sai do carrinho. Bastiana começa a conduzir mais um deslocamento com o público. No meio do caminho se detém e larga o carrinho para falar. Vai caminhando no meio do público.)

É pelos bico dos pardal nós chega a saber das notícia do mundo grande que nós não viu mas acredita. Os que se foram não voltaram, os que ficaram, ficaram por isso mesmo. Restou os fuxico da pardalhada pra dizer pra nós como é que se dá as natureza dos homem que não são do nosso umbigo, mas falam igualzim os português da língua. As vez nós fala em prosa. Rezar nós reza em verso. Agora os pensamento nós deixa mesmo é pros repente. Tem esse mundão tema pra vida inteira. Se hoje o tema é de amor, amanhã pode ser que amanhã seja de bandidadeza. Vai do tamanho do auxílio e da substância do pedido. Pedi mesmo nós não pede. Condição de rejeitar pão nós não tem. Viver nós não manda. Entonce o jeito é recorrer aos ideal da resistência. É a tal da filusufia. Fé pra nós é os sentido. Que vai desde de dor de umbigo até coceira nos pé. De mais é vão. E vão pode ser em vão, no vão ou vão de ir mesmo. Vamos embora, meu povo!

IARA (Aparece junto ao carrinho, segurando um lampião.)

Por favor, as mulheres na frente!

SIMPATIAS PRA ANTÔNIO

(Chegam até outro recanto onde são recebidos pelas outras “Bastianas”, todas com velas ou lampiões na mão. Forma-se um semicírculo de plateia, com as mulheres do público à frente. No centro do espaço, vários apetrechos para a feitura das simpatias. Bastiana estaciona seu carrinho no lado oposto do semicírculo, ao fundo da cena.)

IARA

Estão abertas as cancelas do firmamento para pedidos particulares relacionados a mistérios gozosos.

“BASTIANAS”

(Agachadas ao redor de um círculo no chão, com velas colocadas, cantam.)

Meu querido Santo Antônio

Feito de nó de pinho

Me arranja um casamento

Com um moço bonitinho

(Vão cantando repetidas vezes, enquanto maltratam uma imagem de Santo Antônio: batem, beliscam, apertam, passam no sovaco, queimam com bituca etc. Vão passando a imagem de mão em mão e cada vez que a música se repete, uma delas está com a imagem e improvisa o final, dizendo como quer o moço.)

“BASTIANAS”

(...) Me arranja um casamento

Com um moço bem...

ANA

... bem fortinho.

(Cantam novamente.)

RITA

...peludinho.

(Cantam novamente.)

SARA

...eu quero um bem taludinho...

(Cantam novamente.)

IARA

... um moço que me ame, que goste de conversar sobre relacionamentos, simpático...

(Cantam novamente.)

JOANA

...um moço bem safadinho!

(Cantam mais uma vez e Ana por trás começa a ensinar a simpatia.)

ANA

Muito bem, depois de judiar bastante do santo... Chega, minha filha! Tá bom, já judiou. Cadê a fita? É virgem?

RITA

Sou.

ANA

Estou falando da fita! A fita é virgem? A fita tem que ser virgem. Você pode ser o que for... Pro santo não interessa. (Sara se ajoelha segurando o santo na cabeça e Ana vai demonstrando.) Agora vamos atar com a fita o santo, bem forte. Não pode ter dó nem piedade, não é o momento de piedade agora. Por quê? Porque é pra ele sentir a pressão. "Ah, é brincadeira..." Não é!! É sério mesmo. Pode inclusive incluir o Menino Jesus, ó. Aí já movimenta Virgem Maria, movimenta Deus... todo mundo vai querer resgatar. É aquele movimento no céu, né. Então pode até dar bastante volta no Menino Jesus. Depois de bem atado o santo, nós vamos enterrar o desgranhento de ponta cabeça na terra. Cantando nossa música de força com sensibilidade. Vamos lá? (Cantam enquanto Ana enterra a cabeça imagem em algum terreno ou canteiro próximo. Se não houver, pode-se utilizar um vaso com plantas no meio do círculo)

"BASTIANAS"

Santo Antônio meu querido

Meu santo de carne e osso

Se tu não me dás marido

Eu não te tiro do poço

ANA

Pronto. Deixa o desgraçado aí a ver minhocas até ele conseguir arranjar casamento adequado para cada uma de nós aqui presentes. (As outras dizem "amém!") E é pra deixar de ponta cabeça! Por quê? Pra não correr o risco de nascer pé de Antônio por aí. Amém. Esquece que fez. E espera.

JOANA

Certo, agora é o seguinte. A Roda do Fortuna do Amor. Essa aqui é simpatia que vai dizer pra nós qual é o futuro da gente. Aproveita que já tem esse círculo aqui. Só tira essas velas, que fogo não tem nada a ver. Arrumado o pretendente que Santo Antônio conseguir pra nós, essa simpatia vai dizer se o pretendente presta, se não presta, ou se ele é só uma ilusão e Santo Antônio tá brincando com a gente. O que é possível também, certo? (Se agacha junto ao círculo no chão.) Então é o seguinte: o centro da roda aqui, ó, é o que toda mulher quer. É o casamento bom, sexo bom de qualidade garantido toda noite, simples, básico assim.

IARA

Não é fácil...

JOANA

Pois é, mas não é o que toda mulher sonha?

ANA

Eu não quero casamento.

JOANA

Bom, mas você não quer sexo bom de qualidade garantido toda noite??

ANA

Ah, eu quero ter um caso, um flerte, coisa assim...

JOANA

Tá, pode ser isso também, tudo bem! Bom, arrudiando aqui o meio da roda, vem o segundo passo, que é assim, um ficante, um noivo, um flerte novo...

ANA

É esse que eu quero.

JOANA

A gente já entendeu que você quer esse, tá certo. Agora, o final, incluindo todas essas outras partes... (indica todo o espaço pra fora do círculo) ...é nada...

ANA

Gente do céu, livrai-me...

JOANA

...É solidão, tristeza... sexo então, nem pensar. (Todas se apavoram.) Muito bem, então vamos aproveitar pra que vocês possam exercitar um pouco a vidência de vocês. Sente essas vibrações femininas que estão aqui. Vê quem é que está precisando confirmar alguma coisa, tira alguma dúvida... Aproveita pra trazer aqui, porque esse é o momento de consultar a Roda do Fortuna do Amor.

(Vão até as mulheres da plateia e angariam as que querem participar da simpatia: "Você não está querendo tirar a sua dúvida?" etc. Cada uma traz uma mulher para participar da cena junto com elas, alinham-se todas próximo ao círculo no chão. Rita passa com uma gaveta com várias pedrinhas, elas vão pegando.)

Muito bem, vocês vão escolher uma pedrinha que se assemelha com o seu amor. Olha bem pra pedrinha, pra não pegar o homem da outra, e nem pra pegar o homem errado, senão Santo Antônio vai te amarrar com o homem errado! Aí teu futuro vai ser uma desgraça... Segura na mão direita, por favor! Segura a pedra na mão direita. Agora visualiza bem o plexo do amado, vê se é lisinho, se é peludinho, sente o cheiro dele, hum delícia... pode me seguir agora (Faz uma fila atrás de si para rodear o círculo.) As outras mulheres aqui presentes, bastante energia positiva pra que esse negócio aqui dê certo, vamo que vamo!

Cantando a musiquinha tema: (Todas andam em volta do círculo com a pedra na mão, cantando.)

Santo Antônio é protetor

Protetor, é protetor

Santo Antônio é protetor

Protetor do meu amor

Santo Antônio é protetor

Da barquinha de Noel

Tá bom, para. Agora bota a mão direita fechada aqui no meio, bem pertinho uma da outra, virada pra cima (Todas estendem o braço para o centro da rodinha, segurando as pedras nas mãos.) Junta bem, pra energia fluir! Agora é o seguinte. Santo Antônio tá enterrado ali, mas ele é onipresente, oniconstante, onisciente, certo? Então vocês vão fechar o olho, jogar a pedra pra cima, porque a mão de Santo Antônio vai descer, pegar a pedra no ar e colocar na Roda do Fortuna do Amor, do jeito que ele acha que deve ser. Certo? Então olha lá, é agora, fecha o olho, pensa bem no amado, é um, é dois, é três, joga pra cima! Deixa Santo Antônio pegar!! (Todas jogam a pedra. Alguma das “Bastianas” pode tentar ‘roubar’, abrir os olhos e colocar a pedra direto na Roda. Lamentos e surpresas com os resultados.) Isso, calma, agora abre pra gente fazer a leitura. (Enfileira todas as participantes pra trás, e começa a improvisar sobre a interpretação dos resultados.) Sem desespero, calma! Muito bem. (Pega uma pedra que caiu bem no centro.) De quem é este homem aqui? Seu? Vejam só o poder dela! A pedra caiu bem no centro. E olha o tamanho do amado, hem, quer dizer, da pedra! A negócio aqui é forte hein... Não se preocupe, vai dar tudo certo pra vocês! Felicidades, viu. Vocês aí, sem inveja! Muito bem. De quem é esse branquelo aqui? (Pega uma pedra branca perto do centro.) É seu? Olha, esse branquelo está entre o meio e a borda da Roda da Fortuna. Então era mais ou menos o que você queria, do flerte, certo? Porém, temos um porém. Observe que o único lugar da Roda da Fortuna que está sujo com areia é onde o seu amado pousou. Complicado, não? Sinto uma certa dúvida dele. Ele quer mesmo estar aqui? Ou será que ele não quer estar no centro, no meio da Roda? (Alguém quer dar pitaco, mas ela corta.) Vamos parar porque a vidente aqui sou eu! O que eu digo é o seguinte: estou achando que esse homem aqui quer casar com você. Você está querendo um flerte longo, mas ele está querendo casar. Porque ele está junto da terra, no único ponto da Roda em que a terra se encontra. Está evidente. (Elas comentam: “faz sentido”, “ah, gostoso assim” etc.) E de quem é esse homem grande aqui, gente? Seu?... Olha, está tudo bem, só que você está precisando fazer um trabalhinho com ele, porque ele está fora da Roda, certo? Veja, ele está aqui, não é? É coisa assim de dois anos, tudo bem? Coisa de dois anos para casar. É só dar um pouco de investimento, certo? Um banho junto, uma poesia no pé do ouvido, que aí quem sabe ele pula pra dentro. Agora olha, quem é a dessa aqui? Ah, você está na mesma situação que ela, veja. Olha, a distância é bem a mesma. Então eu diria que são as mesmas sugestões, no mesmo sentido. Eu diria até que talvez vai ser um pouco mais simples, porque esse homem é um pouco menor.

(Mostra que a pedra é menor.) Ele vai conseguir chegar mais rápido, não? Gente, quem é essa gulosa? (Mostra uma pedra enorme.) Olha, é o seguinte: esse homem grande está precisando de um empurrão. Um empurrão e tanto. É no mínimo 10. 10 aninhos. 10 aninhos para noivar, meu bem! Para casar então, vai precisar de mais um pouco. Então vale a pena você se perguntar se quer esperar tanto ou se você quer já arrumar outro. (Resposta: “Outro!” etc.) Tá bom. Essa aqui de quem é? Essa aqui está um pouco grave mesmo, de fato. Está bem fora. (Alguém faz gozação com ela.) É, filha, não comemora muito não, porque a sua também está fora! Não tem porque estar comemorando. Veja, estão ambas na mesma órbita. E quem é a daquela ali? Vocês se conhecem? Nunca se viram? Estou achando que esses dois aqui são da mesma família... Percebam que é tudo a mesma órbita. Estão achando que esses homens aqui estão tudo enrolando vocês. Porque vai rodar, rodar, rodar e ir para o centro, que é bom, nada! Então, não sei, vale a pena perguntar se é para valer ou não é. Está certo? Muito bem. Essa já li, essa já li. Falta essa aqui, de quem é essa, meu Deus? De ninguém?! Então que ótimo, ninguém está reconhecendo é porque realmente ninguém quer andar junto disso aqui. Sim, eu sei... E essa aqui? Essa aqui, gente, olha, eu diria que esse amor aqui é para a próxima encarnação. Porque realmente está muito longe. Vamos ser sinceros, que às vezes a gente fica insistindo e é algo pra outra vida, né. Então, olha, para esses casos, nesse ponto de gravidade, a gente canta uma música, que é para abrir os caminhos, certo? Então, descruza os braços pra receber.

(As “Bastianas” sentam-se no chão diante das participantes e da Roda e cantam, fazendo gestos de abrir caminhos e perdurar.)

“BASTIANAS”

Santo Antônio é quem abre os caminhos

Santo Antônio é quem abre os congá (2x)

Perdura essa cangira, meu Santo Antônio

Não deixa os congado virá (2x)

SARA (Toma a palavra, com uma cumbuca de água na mão.)

Essa simpatia agora é muito simples de ser realizada. Basta que você arranje um peregrino que vai até Baturité e colha pra você a água benta da gruta que tem lá. De posse dessa água miraculosa, vai deixar ela descansar três dias num potinho e aí vem o poder feminino. Você vai derrubar essa água na bacia do jeito que você quer que o amor seja derramado em você. (Cada uma das “Bastianas” pega uma cumbuca ou pote. No chão, uma bacia de metal.) Você não quer vir? Você não pode. A sua hora vai chegar. Concentração, concentração... (Ana vai primeiro, derrama a água aos poucos. Um pouquinho e para, depois mais um pouco etc.)

ANA

Assim é bom, dá um tempo, depois volta...

(Do meio pro fim, despeja devagar mas contínuo até o fim. Joga os restinhos do pote na plateia.)

IARA

Eh, generosa... (Coloca-se pra derramar sua água.) Santo Antônio, meu pai Eu quero um amor assim. (Ergue para o alto seu pote, fecha os olhos por um momento. Então joga tudo na bacia de uma vez só, caindo muita água pra fora.)

SARA

Isso aí é sexo selvagem...

ANA

Coisa curta isso daí!

SARA (Coloca-se pra derramar sua água.)

Santa Antônio, de verdade mesmo, o que eu queria é uma amor assim: (Derrama a água na bacia de modo fluido e constante, sem pressa nem pausa, até o fim.)

JOANA

Isso aí é amor pra vida toda...

(Depois que todas as “Bastianas” derramaram sua água, Sara continua.)

SARA

Colhe um pouquinho da água nas mãos. E observa na pocinha os olhos do amor. Depois que a água escorreu tudinho da mão, passa a mão molhada onde você quer que ele te beije.

(Elas se entreolham e aos gritinhos saem todas correndo pra se esconder e passar a mão molhada nas devidas partes. Voltam, ainda dando uma última passadinha na gengiva, nos pulsos etc. etc. Enfileiradas, começam a rogar.)

“BASTIANAS”

Santo Antônio, pelo amor de Deus, que se revele o nome de quem...

CONTESIAS – NÓS SE ENCONTRA [ANTÔNIO]

BASTIANA

(Escolhendo alguém da plateia, coloca-lhe um manto vermelho. Ana começa a dedilhar o violão.)

Antônio apareceu na vida das moças.

Era moreno e franzia o olhar pro sol

*Pra ver sua carne vermelha.
Usava camisa azul (diz a roupa que a pessoa está usando mesmo).
E o busto era um arbusto
Onde as moças pintassilgas aninhavam-se.
(Ao som do violão elas cantam.)*

INFINITO MEU (Composição de Gero Camilo não inclusa no livro “A Macaúba da Terra”.)

“BASTIANAS”

*Infinito meu agora que a lua sola
Eu amanheço a noite em tua hora
Rogo a Deus que me dê saber beber
Que me dê saber banhar
Da fonte que ainda agora jorra de te pensar*

*Pastor de mil rebanhos dá-me o nada e serei teu
Porém se tua camisa abrir as venezianas
Ah, paisagem humana
Serás das crias de Deus, meu
Infinito meu.*

(Vão levando o Antônio para o carrinho da Bastiana, onde o sentam e cantam para ele, fazendo-lhe agrados, sentadas ao seu lado e em volta. Ao fim da música, falam ainda ao som do violão.)

IARA

Sem grandes torneios de agradecimentos, digo com gosto de sincero amortecendo a língua que orno com tua camisa azul (a roupa que a pessoa está usando). Vim mesmo até aqui por conta de te achar, pra dizer como faz sentido que eu seja teu pedido. Janela de sentimento que põe sol no dia. Lápis da minha cabeça, flecha no meu espírito. Dá-me a paz que o coração mereça.

BASTIANA

É, só que Antônio não se demorou muito não.
Tinha de ir entregar uma mensagem urgente noutra cidade.
Caso de vida e de morte.

ANA

Preparemos então uma despedida para o caminhante.

(Joana busca sua flauta doce, Sara e Rita uma garrafa de vinho e uma taça. Servem o vinho e entregam a taça a Antônio.)

BASTIANA

E durante toda a noite, vestidas com as cores das flores
As moças e Antônio despiram-se e despediram-se amando-se.
Enquanto Joana banhava Antônio lara o perfumava
Sara dava-lhe de beber vinho na taça dos lábios
Rita entrelaçava-se em seu corpo
Antônio não cabia em si tamanho havia provado do gosto.
Choravam todos com o suor do corpo que ria num estado de gozo.
Amanheceu que até o céu estava cansado.

(Rita pega a taça de Antônio e toma um gole. Joana pega a mão dele, mas acaba colocando-a sobre a mão de Rita, que fica surpresa. Ela faz Antônio levantar-se e o traz um pouco à frente na cena.)

RITA

Antônio, posso saber o que faz tua mão na minha? Quando acordei elas estavam assim. Mas nós acordamos separar as partes. Então me desenlaça os dedos. E o que é de teu, vai-te!

(Vão separar-se, mas Rita esticando o braço segura a mão de Antônio até o fim, até finalmente ter que soltá-la. Antônio sai. As moças ficam paradas, com o olhar vago.)

BASTIANA

Só que era tarde. Redemoinho quando passou bateu a porta, deixando as moças fora e dentro, em Si. Antônio partiu. Neblina e poeira atlântica, Antônio partiu.

MATO SOU / CONTESIAS - CORDEL EM DESACORDO

(Ouve-se ao longe o som da procissão dos Missionários e dos gritos de Genésio, eles vem chegando, se aproximando, e conduzem todos para um novo recanto. Os Missionários trazem um enorme tecido branco, que as “Bastianas” ajudam a carregar. Ana como Genésio vem à frente, tocando o adjá e anunciando sua chegada, entremeado com o som da procissão.)

GENÉSIO

Quando desacordei meu cordel, acometi juraças por bem das querenças do mundo!
O canto fino das estrelas, mode o vento que as balanceiam, me trazia teu cheiro. Todo meu frio se valia numa lamparina aquecida no peito, e aí acenderam as primeiras cores de minhas asas. O retiro o deserto a estrada.

Quando desacordei meu cordel, pedi benção à pajelança! Fiz do nosso amor uma dança. Catei cravos cravei beijos florescidos de desejos. Nesse copo copulamos o que de amor foi declarado desde sempre. O encontro o abraço a chegada!

Quando desacordei meu cordel, havia pra mais de vinte anos a peleja. Minha odisseia ia do Crato a Pompeia, Arco Verde, Pauliceia, Egito, Juazeiro e Jureia. Em todas as casas procurei, por Deus! eu perguntei se alguém tinha visto teu sorriso, teus cabelos, tuas sandálias, teus dedos. Ninguém noticiava tua graça. Eu em desespero me afogava na cachaça. A garrafa o cansaço o pavio.

(O imenso tecido foi preso por uma das pontas ao carrinho-quarto, estendendo-se por vários metros diante dele até o chão. As “Bastianas e o público ajudam a esticá-lo e segurá-lo. O tecido se eleva até o carrinho como uma grande duna.)

IARA

(No alto do carrinho, como a Menina Sem Nome.)

Numa manhã dessas, o sol queimava do outro dia, bateu um vento no telhado das casas e não teve jeito de parar. (O tecido se agita como que soprado pelo vento, com o som ao longe dos Missionários e do adjá de Genésio.) Os frutos ficaram crostrados da areia fina que o vento trazia do estrangeiro. As famílias trancaram-se nas casas e ficaram esperando o vendaval passar. Mas o trote dos grãos acumulava-se nos parapeitos e crescia! (O tecido se agita como que soprado pelo vento, ao som dos Missionários e do adjá.) Crescia fazendo morros sobre as casas. E maior que elas, os morros inteiravam-se até virarem uma imensa duna branca em plena caatinga.

(Som ao longe dos Missionários e do adjá. O tecido se aquieta, e as “Bastianas” o elevam. Iara desce para a parte de baixo do carrinho e fala, por baixo do tecido.)

Foi quando o povoado ficou todinho coberto, mas como andava mesmo pela época do descanso da colheita, as famílias acharam por bem dormir. Apagaram as lamparinas e balançaram as redes.

(Ouve-se o mesmo canto de quando a Menina nasceu: “Aaaaah-oi-ô-iô!” Iara sobe de novo ao alto do carrinho, por sobre a duna. Genésio e os Missionário chegaram até a ponta do tecido no chão, onde começa a duna. Genésio traz o seu bastão.)

IARA

Foi por aquela época que Genésio voltou. Já devia ter dezoito. Havia passado por muitos caminhos até o retorno. Era um rapaz da cor que o sol imagina o homem. Tinha aprendido a sobreviver no sertão. Deixava pra ficar triste na hora da sede.

(Dois Missionários fazem uma cadeirinha com os braços, onde Genésio se senta, e o elevam do chão.)

Ao encontrar os missionários, empolgou-se com as rezas. Rezou até dormir de prece. E os missionários receberam o sinal e confirmaram a profecia: este é o mensageiro do amor, que vai dormir na rede que o senhor preparou para o repouso de sua cabeça. Os devotos tiraram-lhe as vestes e dez jovens cuidaram de seus banhos. Um deles assobiou uma palavra em seu ouvido.

(O Missionário com as pernas de pau toca o adjá, deixando Genésio em alerta. O Missionário chega por trás e lhe entrega o adjá. Os outros que o sustentam pousam-no no chão.) Quando acordou, a missão já havia partido. (Genésio volta-se para eles e toca o adjá em despedida.)

Quando chegou, espantou-se de ver no lugar das casas uma duna da areia do mar que ali não existia. (Genésio sobe no tecido e começa a caminhar sobre a duna. Ouvem-se baixinho cantos e contracantos: “Eiaia-eia-ê / Eiaia-eia-ô”.) A montanha branca que se formara em cima da aldeia ia pra mais além de onde o sol permitia olhar. Foi nesse sufoco quase feliz de imaginar a aldeia afogada na areia, (Genésio começa a chamar: “Mãe! Pai!”) que Genésio correu ao redor da montanha à procura de uma porta que lhe desse de volta o lugar de onde veio. Girou que girou que girou, nenhuma sequer janela estava de fora, embora ouvisse rezas... galopes de crianças.... a voz da mãe chamando pro almoço... (Genésio continua sempre procurando e chamando: Rita? Mããee!) a água escorrendo da moringa. (Ele senta-se na duna.)

Foi quando viu, em cima da montanha branca, uma moça com os olhos no Atlântico. (A Menina Sem Nome está de pé no alto do carrinho, acima da duna, com os braços abertos. Ele ergue-se e abre os braços também. Ouve-se o mesmo canto de quando a Menina nasceu: “Aaaaah-oi-ô-iô!”) Tinha os cabelos grandes que faziam ondas verdes possíveis de se navegar. Pois foi por lá mesmo que Genésio nadou entre marés cheias de rodopios do vento. (Genésio vai tentando subir a duna, Chega até o topo do carrinho.) Até chegar no lugar que dava vista pro mundo. Pro redondo da terra. (Genésio fica um tempo boquiaberto com a visão lá de cima. A Menina Sem Nome também olha pro horizonte. Então ele sai do transe, sacudindo o adjá. Ela vira de lado, tímida.)

GENÉSIO

Seus cabelos quase me afogaram.

MENINA SEM NOME

Você espantou os peixes.

GENÉSIO

Me desculpe, mas é que eu nunca vi o mar.

MENINA SEM NOME

Não tem importância, amanhã eles voltam.

GENÉSIO

O que é aquilo? (Aponta no horizonte.)

MENINA SEM NOME

São os missionários aguando o plantio...

(Ao longe, os Missionários estão espalhados, cada um deles gira lentamente sobre si, lembrando um giro sufi, porém lento. Ouve-se alguém cantar alto o Ponto pra Oxalá: “Oxalá, Oxalá ilumina”. Genésio balança o adjá para eles.)

GENÉSIO

Eeei! Eeeiiii!!!

MENINA SEM NOME (Reparando no instrumento.)

Nasceu uma Dália na sua mão! (Genésio entrega o adjá para a Menina Sem Nome, que o olha fixamente. As “Bastianas” cantam.)

“BASTIANAS”

Olerê, olerê, olerê, olará

O batismo da flor acabou de chegar. (2x)

Nome de flor, nome de flor

Dália! Nome de flor!

(Durante a música, Genésio vai recolhendo todo o tecido para dentro do carrinho, como se desenterrasse a cidade. Quando acaba, contempla o espaço, satisfeito.)

DÁLIA

Eu não te conheço?!

GENÉSIO

Eu te conheço?

DÁLIA

O que veio trazer?

GENÉSIO

Um batismo.

DÁLIA

Sou tua irmã.

(O violão e a flauta doce começam a soar. Ela lhe devolve o adjá. Ele lhe beija as mãos e toca o adjá. Descem do carrinho. Todo o elenco se reúne no carrinho para cantar a música final.)

BASTIANA

Agora todo mundo já sabe.

O dia (diz a data) é o dia da Dália! Pode botar na folhinha. O nosso país é o Brasil.

Pode botar na folhinha!

MACAÚBA DA TERRA

TODOS

Vei do mato, meus cearás, que eu inté benzi

Vei do capim verde que sou

Invés de óleo e fumaça

Vei deu contemplar a macaúba da terra

Vei deu contemplar romãs e siriguelas

Vei deu contemplar as maré cheias de conchas

Vei deu contemplar as fortalezas dos potes

(Bastiana sobe no carrinho e dá as palavras finais, enquanto a música continua.)

BASTIANA

Eita, que tá pelas hora! Lamparina hoje não vai ter nem precisão. Tem vagalume a neblinar. E lume maior tem a lua. A lua, que eu tanto desejo fazer: bolo de lua. Amanhã, meu povo, eu vou fazer bolo de lua. Bolo de lua, meu povo!

(Vai embora puxando o seu carrinho. A música continua por mais um tempo até cessar. Fim.)

■ ■ ■

REALIZAÇÃO



Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa